

# Denúncia de tortura na cadeia de Lisboa vai ser investigada

**'Manif.'** Irmão de recluso conta ao DN as suspeitas sobre espancamento. Vinte pessoas juntaram-se à porta da cadeia em protesto. Número de presos em Portugal atinge valor recorde

PAULA CARMO

O recluso número 584 do Estabelecimento Prisional de Lisboa "foi levado por guardas da ala F, onde costuma ter cela, para a zona onde se espancam os presos". Eis a denúncia, em defesa de Nuno Miguel Lopes Barros, feita ontem pela Associação contra a Exclusão pelo Desenvolvimento (ACED).

O irmão do detido, Bruno Barros, conta a sua versão ao DN: "Não sei porque ele foi espancado, estive hoje [ontem] mas não me deixaram vê-lo a pretexto de que a visita tinha transitado para outro dia. Disseram-me que ele está numa parte isolada." Nuno, de 32 anos, está em prisão preventiva há um ano e já é recorrente no sistema prisional.

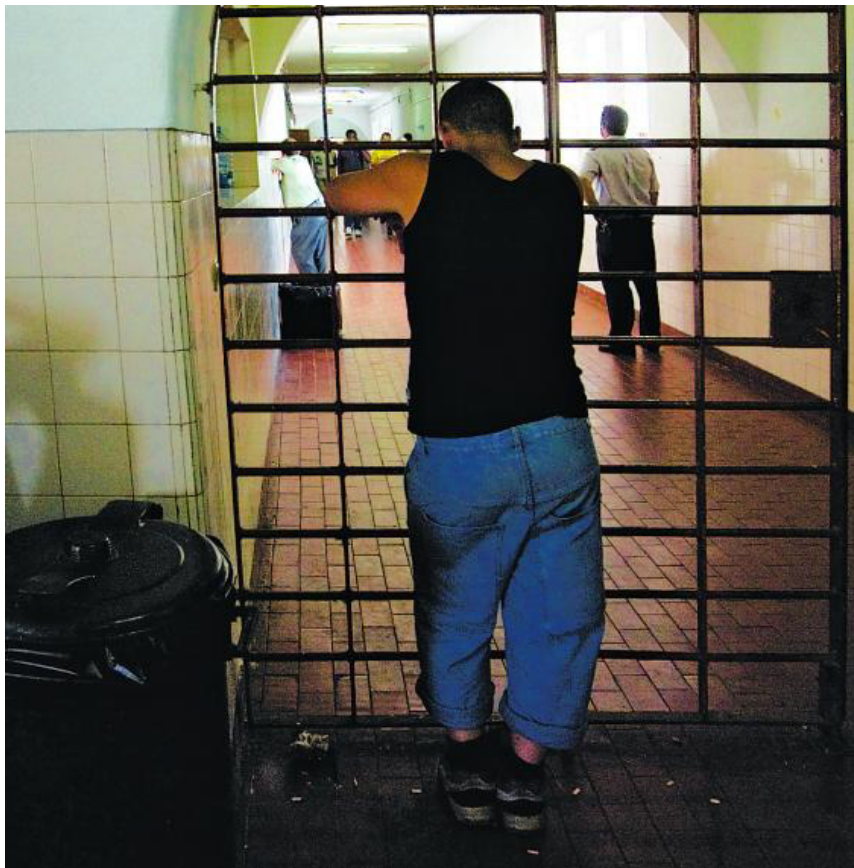
O irmão prossegue o relato: "Soube que o foram buscar à cela a meio da noite e levaram-no para um calabouço onde foi brutalizado." Perante este caso, Bruno promete lutar em nome do irmão e dos outros reclusos, disse ao DN, até porque afiança que "há reclusos que pagam para ter a sua própria proteção" dentro da cadeia.

Ontem, familiares de reclusos e elementos de vários movimentos que denunciavam maus tratos nas cadeias portuguesas juntaram-se à porta do Estabelecimento Prisional de Lisboa em protesto, precisamente às 11.00, para coincidir com o horário das visitas dos familiares aos reclusos. A ação foi promovida pela ACED, pelo Grupo de Intervenção nas Prisões e Associação Portuguesa para a Prevenção da Tortura.

"A ACED reclama, como é natural, uma investigação empenhada para verificar o que se passou, sabendo que é voz corrente, desde que a associação se constituiu, a existência desses espaços reservados a punições extrajudiciais toleradas, quiçá administradas pelas autoridades, em particular na Penitenciária de Lisboa", lê-se no ofício daquela associação enviado designadamente à Provedoria de Justiça, Procuradoria-Geral da República e Inspeção-Geral dos Serviços de Justiça. Jorge Alves, líder do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional, disse à Lusa que a violência tem diminuído e que os guardas "só usam a força de forma preventiva".

## "Constante escrutínio"

Face às denúncias e protesto, a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) refere que



Serviços prisionais desmentem caso de espancamento denunciado durante o protesto

os estabelecimentos prisionais atuam de acordo com a lei, estando em "constante escrutínio" e podem, a qualquer momento, receber visitas de titulares de órgãos de soberania e de representantes de organizações internacionais. Por outro lado, a tutela desmente qualquer espancamento, acrescentando que, no sábado, um recluso partiu um vidro de uma das portas com ameaça de automutilação, o que obrigou, "para sua

própria proteção, a ter de ser contido". A DGRSP revela que foi aberto inquérito, estando o recluso em cela individual como medida cautelar.

"O que acontece neste caso é excepcional, pois há alguém da família que fala. Os castigos corporais são regulares e conhecidos dentro do sistema, pois qualquer preso sabe que há sítios nas cadeias para os castigos", diz ao DN António Pedro Soares, da ACED. O

líder do maior sindicato representativo dos guardas prisionais, Jorge Alves, refuta as acusações de maus tratos acrescentando que se a tutela permitisse uma maior abertura para as associações verem em que condições se trabalha, poder-se-ia contrariar a ideia de que o guarda prisional agride e maltrata os reclusos. O sindicalista lamenta ainda que a ACED só veja o problema pelo lado do recluso e que não denuncie também

## QUEIXAS

### SOBRELOTAÇÃO

► **Perigos** vários são reportados devido ao excesso de reclusos em cada cela. Com a possibilidade de cada um ter televisão e outros aparelhos elétricos, há quem tema ocorrência de curto-circuitos. Os guardas prisionais também consideram o excesso de reclusos em cada cela um problema grave de segurança. Em 2012, o número de reclusos ultrapassou a fasquia dos 13 500, o valor mais elevado desde 2004, segundo os serviços prisionais.

### ALIMENTAÇÃO

► **Repetição** das refeições é um dos problemas apontados por parte dos reclusos. A indefinição da quantidade de comida que os seus familiares podem levar nos dias de visita também merece reparos. Os reclusos que conhecem vários estabelecimentos prisionais por serem transferidos durante o período de cumprimento da pena, criticam as diferentes regras seguidas em cada cadeia.

### AGRESSÕES

► **Denúncias** de violência física não surgem, apenas, da parte dos reclusos, cujas queixas de maus tratos e violações dos direitos humanos são reportadas aos vários movimentos sociais de norte a sul do País. Curiosamente, os representantes sindicais dos guardas prisionais também se queixam por serem cada vez em menor número, nas 49 cadeias existentes, para fazer face às agressões entre reclusos e grupos organizados de presos. A violência intramuros é uma realidade diária no sistema.

as agressões entre os reclusos. As queixas reportadas às associações e movimentos sociais de defesa das condições dos reclusos também referem deficiências no serviço de alimentação e, nalguns casos, a cuidados de saúde. Porém, os serviços prisionais asseveram "critérios rigorosos" nas quatro refeições servidas diariamente. Certo é que o caso de Nuno Barros vai ser investigado. A família quer saber o que aconteceu.

## Reclusos atingem o maior número desde 2004

**ESTATÍSTICAS** Wellington Nazaré, o sequestrador do banco em Campolide, é um dos presos que cumpre pena no Estabelecimento Prisional de Coimbra, cadeia que já excede, há muito, a capacidade. Porém, esta cadeia não é caso único de sobrelocação.

Ao todo, em 2012 foram contabilizados mais de 13 500 reclusos, atingindo o valor mais elevado dos últimos oito anos. O tema começa

a estar recorrentemente na ordem do dia e, ontem, fonte oficial confirmou esses dados. Estavam detidos nas prisões portuguesas a 31 de dezembro de 2012, 13 504 reclusos, o que significa um aumento de 6,4% da população prisional face ao período homólogo do ano anterior. As estatísticas dão conta que só no ano passado entraram 823 reclusos nos 49 estabelecimentos prisionais portugueses.

De acordo com a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), a taxa de ocupação é de 118,8%, sendo o caso mais gritante nas prisões regionais onde se verifica uma sobrelocação da ordem dos 139,7%.

Desde 2004 que a população nas cadeias não atingia valor tão elevado. Na altura, estavam a cumprir pena de prisão 13 152 pessoas. Dados que preocupam

os dirigentes que representam os guardas prisionais, dada a constante diminuição do número de efetivos de segurança. São constantes os apelos à tutela para repor o número de guardas, face ao número de reformados e aposentados.

Segundo a DGRSP, a 31 de dezembro de 2012 estavam 1977 reclusos a aguardar a realização de julgamento.